



BOCA DO POVO



OMAR PERES

omarperes.blogspot.com



RICARDO VALLE DE MELLO

Código de Trânsito Brasileiro (CTB) proíbe que crianças fiquem no banco da frente dos carros. Mas os motoristas parecem ignorar a legislação e, principalmente, o bom senso. Em um acidente, o risco de quem está de carona, na frente, é ainda maior.

Crianças

A campanha Proteja Nossas Crianças, contra abusos sexuais e violência doméstica, lançada em Minas no ano passado, está mobilizando seus agentes, hoje, em Juiz de Fora. Entre 8h e 12h, será realizada blitz educativa no Posto da Polícia Rodoviária Estadual, na MG-353, próximo ao bairro Gramma. A atividade terá a participação de funcionários da Diretoria Regional e voluntários, que vão entregar material da campanha aos motoristas e viajantes.

Defensores

O Núcleo de Juiz de Fora da Defensoria Pública do Estado vai comemorar o dia da classe na terça-feira, e denunciar "a constatação de um quadro de maior gravidade e aumento de demanda nos atendimentos jurídicos ligados ao serviço público de saúde". A Defensoria vai distribuir cartilhas enfocando orientação básica ao cidadão para acesso a remédios e procedimentos no SUS.

Com a Redação

As itinerantes

No Ipiranga, segunda-feira, à 18h, a Câmara realiza mais uma versão itinerante, que vai reunir na igreja São Pio X representantes das comunidades daquele bairro, como também de Bela Aurora, Previdenciário e São Geraldo. Sendo a 81ª vez que os vereadores procuram falar diretamente aos moradores, resta boa oportunidade para a avaliação desse projeto. Está valendo a pena? As itinerantes estão oferecendo resultados práticos?

Passa rápido

Em alguns cruzamentos, a sinalização do pedestre está muito rápida, sem tempo suficiente para que as pessoas atravessem o asfalto. Na Getúlio Vargas com Halfeld são apenas 15 segundos. Na confluência de Independência com Rio Branco pouco mais que isso.

Há dois pontos a considerar: o número de pedestres aumenta diariamente e são muitos os idosos, que já não têm mais fôlego para disputar com os segundos.

Olho no chão

Não deve custar muito, nem comprometer tanto o orçamento municipal, a criação de um grupo de socorro para cuidar dos passeios e do piso das praças e jardins. Já não se fala em obra, mas serviço de conservação. Há uma infinidade de buracos e as raízes das árvores mais antigas vão estufando o calçamento. As pessoas tropeçam, caem e se machucam. As queixas são muitas.

Nas bancas

Ainda não foi possível saber se o fenômeno ocorre em todo o País, mas em Juiz de Fora as bancas de revistas notam um grande e repentino interesse pelas publicações que tratam da vida de Adolfo Hitler e da tragédia humana que ele provocou. No primeiro quadrimestre foram 30 novos títulos.

Produz-se menos e o consumo aumenta

Essas mexidas que o governo tem comunicado ou insinuado nos pontos em que a economia mais diretamente fala ao interesse popular, como a política da poupança, não ganham o primeiro lugar entre nossas preocupações. Não são os índices de inflação, sejam eles maiores ou menores, que preocupam neste momento, pois é sabido que algumas medidas bem temperadas, aplicadas corretamente, são suficientes para impedir que o problema assumira maior vulto. O que realmente parece ter relevância é que os estudos econômicos têm demonstrado que a inflação real de hoje, a possível inflação de amanhã, resulta basicamente de desequilíbrios entre a produção e a procura de alimentos. Aí está a verdadeira questão, pois a cada ano consumimos mais do que produzimos, o que torna fácil a compreensão do fenômeno: não havendo oferta suficiente para saciar e conter a procura, os preços se elevam e aí começa a inflação; e nesse ponto ela sobe, independentemente das armaduras que o governo tenha montado.

Se nos debruçamos para examinar e entender o quadro da escala da

satisfação alimentícia observamos que há detalhes que têm escapado da linha de prioridade dos responsáveis pela economia. Limito-me a apenas duas, mas a meu ver de grande importância: estamos com a expectativa de vida ultrapassando a marca dos 70 anos e as taxas de natalidade aumentam, o que nos leva a admitir o óbvio, isto é, são cada vez mais numerosas as bocas para comer e as mesmas quantidades do que é produzido. A cadeia produtiva de alimentos continua a desmerecer maiores atenções, ainda que as previsões de safra de grão continuem se revelando otimistas.

É estranho que desafios tão próximos de nós e tão graves, como os alimentos e a política de abastecimento, continuem passando ao largo das maiores preocupações do País. É como se, ao contrário da realidade, as fontes de produção aumentassem e o consumo estivesse em marcha batida para baixo. No Congresso e nos gabinetes executivos não se vê uma preocupação efetiva com o que vamos comer e até quando teremos garantias mínimas de acesso a essa necessidade tão fundamental.

O.P.